

A PRETAGOGIA POR CAMINHOS INSURGENTES: dois estudos de caso

Alex Kévin Ouessou Idrissou¹

Resumo:

Este artigo busca repensar a relação entre a educação das relações étnico-raciais e as religiões de matriz africana em sala de aula. Como essas religiões poderiam contribuir na educação das relações étnico-raciais? De fato, as religiões afro-brasileiras, sendo o caldeirão onde pessoas oriundas de diferentes lugares interagem entre elas, promovem e incentivam interações étnico-raciais das mesmas. Assim, como as duas caras da mesma moeda, as relações étnico-raciais e as religiões de matriz africana se influenciam mutuamente. A partir da noção da educação de Amadou Hampaté Bâ, de conceito como Ubuntu, a pretagogia, trazemos algumas pistas de reflexões como suporte as relações étnico-raciais com base daquilo que é considerado como saberes ancestrais milenares encontrados nas religiões de matriz africana. O artigo visa mostrar como as religiões de matriz africana como o Candomblé atua no fortalecimento das relações étnico-raciais, apresentando dois estudos de casos de duas instituições presentes em duas diferentes cidades do Brasil. São elas: o Instituto de Arte e Cultura Yoruba (Belo Horizonte), e o memorial do Ilê Axé Oya Bagan (Brasília). Em ambos os casos, o método usado foi a observação participante resultando em aquisição de conhecimentos, demistificações dos saberes e do espaço do terreiro, um olhar diferente por parte dos alunos presentes nas oficinas. Por fim, conclui-se que a pretagogia é um instrumento necessário no combate contra o preconceito, contra o racismo religioso, mais do que indispensável para o equilíbrio das relações étnico-raciais.

Palavra-chaves: Educação; Relações étnico-raciais; Pretagogia; Ubuntu; Candomblé

PRETAGOGY BY INSURGENT PATHS: two case studies

Abstract:

This article seeks to rethink the relationship between education on ethnic-racial relations and African-based religions in the classroom. How could these religions contribute to the education of ethnic-racial relations? Indeed, Afro-Brazilian religions, being the melting pot where people from different places interact, promote and encourage ethnic-racial interactions. Thus, like two sides of the same coin, ethnic-racial relations and African-based religions influence each other. Based on Amadou Hampaté Bâ's notion of education, with concepts such

¹ Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor substituto de Francês na Faculdade de Letras da mesma instituição. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/272022554003802>, <https://orcid.org/0000-0002-2213-8540> E-mail institucional: idrissou_kevin@ufg.br

Agradeço ao Ilê Axé Oyá Bagan e à Mãe Baiana pela parceria e ao Sr. Olusegun Akinruli Michael pela irmandade.

as Ubuntu, or pretagogy, we offer some insights into supporting ethnic-racial relations based on what is considered ancient ancestral knowledge found in African-based religions. The article aims to show how African-based religions such as Candomblé strengthen ethnic-racial relations, presenting two case studies from two institutions located in two different Brazilian cities. These are: the Institute of Yoruba Art and Culture (Belo Horizonte) and the Ilê Axé Oya Bagan memorial (Brasília). In both cases, the method used was participant observation, resulting in the acquisition of knowledge, demystification of the terreiro's knowledge and space, and a different perspective on the part of the students attending the workshops. Ultimately, the conclusion is that pretagogy is a necessary tool in the fight against prejudice and religious racism, and is more than indispensable for the balance of ethnic-racial relations.

Keywords: Education; Ethnic-racial relations; Pretagogy; Ubuntu; Candomblé

LA PRETAGOGÍA POR CAMINOS INSURGENTES: dos estudios de caso

Resumen:

Este artículo busca repensar la relación entre la educación sobre relaciones étnico-raciales y las religiones de origen africano en el aula. ¿Cómo podrían estas religiones contribuir a la educación sobre relaciones étnico-raciales? De hecho, las religiones afrobrasileñas, al ser el crisol donde interactúan personas de diferentes lugares, promueven y fomentan las interacciones étnico-raciales. Así, como dos caras de la misma moneda, las relaciones étnico-raciales y las religiones de origen africano se influyen mutuamente. Basándonos en la noción de educación de Amadou Hampaté Bâ, con conceptos como Ubuntu o pretagogía, ofrecemos algunas perspectivas para apoyar las relaciones étnico-raciales basadas en lo que se considera el conocimiento ancestral antiguo presente en las religiones de origen africano. El artículo pretende mostrar cómo las religiones de origen africano, como el candomblé, fortalecen las relaciones étnico-raciales, presentando dos estudios de caso de dos instituciones ubicadas en dos ciudades brasileñas diferentes: el Instituto de Arte y Cultura Yoruba (Belo Horizonte) y el memorial Ilê Axé Oya Bagan (Brasilia). En ambos casos, el método empleado fue la observación participante, lo que permitió la adquisición de conocimientos, la desmitificación del conocimiento y el espacio del terreiro, y una perspectiva diferente por parte de los estudiantes que asistieron a los talleres. En definitiva, la conclusión es que la pretagogía es una herramienta necesaria en la lucha contra los prejuicios y el racismo religioso, y es más que indispensable para el equilibrio de las relaciones étnico-raciales.

Palabras clave: Educación; Relaciones étnico-raciales; Pretagogía; Ubuntu; Candomblé

O LEGADO DO TRADICIONALISTA E EDUCADOR AMADOU HAMPATÉ BÂ E AS CONTRIBUIÇÕES DA LÉLIA GONZALEZ E DA PRETAGOGIA DE SANDRA HAYDÉE PETIT

Amadou Hampaté Bâ (1900-1991), natural de Bandiagara, Mali, na África Ocidental, foi um mestre tradicionalista, educador, historiador e filósofo. Ele foi

considerado uma das principais referências no que diz respeito à "cultura tradicional" e fazia parte da geração de africanos com amplo conhecimento interdisciplinar, justificado pelas formações extensivas que recebeu ao longo de sua vida. Sua educação mesclava uma formação acadêmica europeia com uma base predominantemente islâmica e africana. Isso lhe possibilitou a elaboração e o aperfeiçoamento de uma reflexão significativa, capaz de apontar possíveis trajetórias para o diálogo entre as culturas tradicionais africanas, o mundo islâmico e a tradição ocidental europeia. Como consequência, isso ajudou a criar uma imagem da África que fosse capaz de articular as perspectivas interna e externa. Hampaté Bâ é reconhecido como um dos mais importantes pensadores africanos do século XX, não apenas por ter combinado a educação ocidental com a primeira geração de intelectuais do Mali e da África. Seus vínculos com a tradição oral dos fula, um povo de pastores nômades da savana africana, o motivaram a lutar pelo reconhecimento da tradição oral africana como um recurso confiável para o conhecimento histórico. Ele ganhou bastante notoriedade ao comparar a morte de anciãos africanos à queima de bibliotecas. Essa afirmação evidencia a relevância dos anciãos devido aos conhecimentos que detêm, por serem fundamentais na transmissão de saberes, na cadeia da oralidade e na mobilização dos recursos necessários para a coleta de textos orais. Ademais, ele conduziu processos importantes de recuperação e revisão de conteúdos orais.

Nesse sentido, ele dizia que:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória viva da África (BÂ, 2010, p.167)

O tradicionalista enfatiza na sua fala a relevância da tradição oral para a história africana e o papel dos mestres e das mestras na transmissão, no ensino dos saberes aos mais jovens. Os mestres e as mestras são pessoas mais velhas, mais experientes que no dia a dia ou através de processos iniciáticos, ritos de

passagens instruem as novas gerações. Porém, hoje em dia, uma boa parte desses agentes culturais está desaparecendo. As razões são várias: a falta de interesse dos adolescentes ou adultos, a aculturação, a dominação de outras religiões sobre as práticas endógenas, falta de codificação dos conhecimentos e saberes ancestrais, etc. No seu artigo sobre a palavra, memória da África, ele acrescenta que:

A tradição oral é a grande escola da vida, abrangendo e afetando todos os aspectos. Pode parecer caótica para aqueles que não penetram em seus segredos e pode confundir a mente cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Nela, o espiritual e o material não estão dissociados (BÂ, 1979, p.18, tradução nossa)²

Ou seja, a tradição oral é uma forma de manter vivas a história e a identidade das comunidades, sendo um meio dinâmico de narrativas e adaptações, e uma forma de resistência desde os tempos remotos. Sua valorização contribui para a preservação da diversidade linguística e para o fortalecimento dos povoados que se reconhecem como detentores de saberes e conhecimentos únicos. Ela também é uma ferramenta de transmissão de conhecimentos e saberes entre as pessoas. É um conjunto de valores passados por meio da voz, ou seja, da palavra falada. É um sistema informativo e relacional cuja função essencial é assegurar a coesão e a preservação de um corpo social.

Para Hampaté Bâ (1969)³, a tradição oral é o ensino em todos os níveis: do ensino fundamental, médio e superior. Esse ensino incluía filosofia, matemática, geometria e tudo o que se chamava conhecimento humano, tanto do ponto de vista cultural quanto religioso. A tradição oral é o ensinamento dado por pessoas mais velhas, e é isso que constitui a iniciação. Ele entende a iniciação como o ato de seguir as lições ou tomar aulas de um mestre. Ela

² No original: La tradition orale est la grande école de la vie, dont elle recouvre et concerne tous les aspects. Elle peut paraître chaos à celui qui n'en pénètre pas le secret et dérouter l'esprit cartésien habitué à tout séparer en catégories bien définies. En elle, en effet, spirituel et matériel ne sont pas dissociés.

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t1i3rweFa48&t=1849s>> acesso em 14 de julho de 2025

abrange toda a vida, toda a natureza, porque contempla seres vivos e os não vivos, os seres móveis e imóveis. Ele precisa que a palavra "velho" não significa alguém muito velho, mas alguém que sabe, pois, há idosos de 20 anos e crianças de 72 anos. Trata-se, portanto, de uma questão de conhecimento e, nesse sentido, o velho se refere a uma pessoa experiente.

Consoante Idrissou (2020) entender a noção de pessoa e comunidades em algumas culturas africanas permite ter uma melhor concepção das relações étnico-raciais presente no continente africano e na sua diáspora em países como o Brasil. Partindo de expressões africanas como "Umuntu ngomuntu ngabantu", "maa kamaayakaca a yerekono", "duo baakonnyekwae", o pesquisador mostra a forte ideia de coesão, solidariedade, união que existem dentre essas comunidades.

"Umuntu ngomuntu ngabantu" é uma expressão bantu da qual se originou a palavra "Ubuntu". Ela significa que um indivíduo é um indivíduo graças aos demais indivíduos. Ela é um apelo, uma convocação ao humanismo, a compaixão, ao sentido de responsabilidade na formação do outro. Ela ressoa com a importância de cultivar valores fundamentais para uma sociedade mais justa e empática. É um lembrete poderoso sobre a importância de agir com bondade e empatia em nossas interações diárias. Ela inspira a comunidade sobre suas atitudes, a incentiva a impactar positivamente o mundo ao seu redor, através de pequenos gestos de gentileza que podem fazer uma grande diferença na vida das pessoas.

Quanto à segunda expressão, "maa kamaayakaca a yerekono", de origem bambara (Mali), ela significa que as pessoas da pessoa são múltiplas na pessoa. Ela nos convida a entender que o ser humano, para o povo bambara, é a soma de várias outras pessoas. Ela ressalta a importância do coletivo na formação do indivíduo. Através da prática desses valores, é possível construir uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos possam se beneficiar do apoio mútuo e colaboração. Essa visão fortalece os laços comunitários e promove um ambiente de respeito e cooperação entre as pessoas. Dessa forma, a interdependência e solidariedade se tornam pilares essenciais para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e harmoniosa. Ao valorizarmos esses princípios,

contribuímos para um mundo mais equitativo e sustentável para as gerações futuras.

Por último, "Duo baakonnyekwae" é uma expressão do povo Akan de Gana que quer dizer que uma árvore não faz ou não constitui uma floresta. Para que uma floresta seja formada, é necessário um conjunto de árvores e vegetação que ocupem uma área significativa. A diversidade de espécies e a interação entre os diferentes elementos do ecossistema também são características importantes de uma floresta. A presença de uma única árvore não é suficiente para caracterizar a complexidade e biodiversidade de uma floresta. É necessário um ecossistema diversificado com uma variedade de espécies vegetais e animais interagindo entre si para formar uma floresta saudável e equilibrada. A preservação desse ecossistema é essencial para garantir a sustentabilidade ambiental e a manutenção da biodiversidade.

O legado de Amadou Hampaté Bâ para as relações étnico-raciais no contexto africano foi a sua defesa incansável da preservação e valorização das culturas do continente, promovendo o diálogo intercultural e o respeito pela diversidade. Sua obra também contribuiu para a conscientização sobre a importância do respeito mútuo entre os diferentes grupos étnicos e raciais. Seus escritos destacam a necessidade de reconhecer e celebrar a riqueza das tradições africanas, além de combater estereótipos e preconceitos que permeiam as relações entre os povos. Através de sua atuação, Amadou Hampaté Bâ deixou um legado de união e respeito que continua inspirando gerações.

No diz respeito ao Brasil, a antropóloga, professora e militante do Movimento Negro Unificado Lélia Gonzalez (1935-1994), foi uma das especialistas, aclamada internacionalmente, que abordaram questões ligadas às relações étnico-raciais, ao feminismo negro, entre outros tópicos.

O pensamento e o papel da Lélia Gonzalez se destacam pela sua genialidade de propor um conceito transcendental que até os dias de hoje continua sendo de atualidade. A pioneira em militância do movimento negro brasileiro nos leva a refletir, entre outros temas, sobre o racismo tanto no Brasil como na América Latina. Para ela, houve uma "denegação no racismo", ou seja, a negação da existência desse racismo, deixando subentendidos, apagados a presença e existência de comportamentos preconceituosos para com o negro

brasileiro e o afro-latino-americano. Contra a forma genérica de se categorizar o negro nas Américas, ela propõe uma nova categoria que acaba sendo um convite para revolucionar o pensamento até então existente.

Lélia Gonzalez (2018) sugere pensar o negro a partir do seu lugar de colonizado, de descendente de pessoas africanas que foram escravizadas. Portanto, ela questiona o olhar para o negro, ela chama para um olhar que leva em consideração sua presença, sua atuação e as suas contribuições na América Latina. Ela instiga a pensar toda a herança político-cultural, os aspectos da africanidade na cultura brasileira. A sua proposta é de uma categoria que abarque e ultrapasse o limite histórico e geográfico do Brasil, fazendo do país uma “América ladina”. Sobre a Amefricanidade, Gonzalez (2018, p. 331) aponta que: “Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de Amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural”. Em outras palavras,

... a *América*, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo amefricanas/amefricanos designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. (Gonzalez, 1988, p. 77).

Assim, partindo da nomeação adequada do espaço geográfico onde nos encontramos, Lélia Gonzalez nos convida a uma reflexão mais profunda sobre a nossa identidade e a responsabilidade que isso acarreta. Ela nos desafia a reconhecer as diversas influências que moldam quem somos, levando-nos a questionar as estruturas sociais e históricas que nos definem. Ao compreendermos nossa identidade de forma mais ampla, somos impulsionados a agir de maneira mais consciente e engajada na transformação da sociedade. Dessa forma, a reflexão proposta por Lélia Gonzalez nos leva a repensar não apenas quem somos individualmente, mas também como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Ao reconhecermos as complexidades de nossa identidade, somos desafiados a buscar uma maior equidade e justiça social em nossas ações e relações interpessoais.

Corroborando no mesmo sentido que a antropóloga, a educadora Sandra Petit propõe um conceito que sempre esteve presente nos terreiros e que define os ensinamentos passados dos mais velhos aos mais novos. Assim, para ela:

A Pretagogia, referencial teórico-metodológico em construção há alguns anos, pretende se constituir numa abordagem afrocentrada para formação de professores/ as e educadores/ as de modo geral. Parte dos elementos da cosmovisão africana, porque considera que as particularidades das expressões afrodescendentes devem ser tratadas com bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, da Mãe África. Dessa forma, a Pretagogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos, de matriz africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo. Esse modo de ser é também um modo de conceber o cosmos, ou seja, uma cosmovisão africana (PETIT, 2015, p.119-120)

A Pretagogia, como referencial teórico-metodológico, propõe uma abordagem inovadora na educação, valorizando o recurso a cosmogonias africanas no ensino e na aprendizagem dos estudantes. Com foco na autonomia e na criatividade, essa abordagem busca transformar a relação entre professores e alunos, promovendo um ambiente mais colaborativo e estimulante. Ao incentivar a reflexão crítica e a experimentação, a Pretagogia desafia os padrões tradicionais de ensino, promovendo uma educação mais significativa e engajadora para os alunos. Dessa forma, os estudantes se tornam protagonistas do seu próprio aprendizado, desenvolvendo habilidades essenciais para enfrentar os desafios do século XXI. Pois,

no caso nosso, aqui no Brasil, existe um impressionante desconhecimento, um verdadeiro pagamento histórico relativo às possíveis contribuições culturais da matriz africana nas ciências em geral, inclusive na Pedagogia. Junta-se a isso uma espécie de inconsciente coletivo que mantém toda a referência ao negro abafada ou silenciada, ou extremamente estigmatizada [...]Para reverter essas tendências negadoras, precisamos suscitar nas pessoas um sentimento de pertencimento à ancestralidade africana, algo que só pode ser feito tocando o sentimento das pessoas, elas precisam sentir-se negras, esse sentimento é transmitido principalmente por nosso corpo, pois ele é o guardião da nossa memória ancestral (PETIT, 2015, p.147-148)

A África sendo o berço da humanidade, todos nós temos então uma ancestralidade comum. Essa conexão ancestral nos lembra da importância de respeitar e valorizar a diversidade cultural e étnica presente no continente africano e fora do continente. É fundamental reconhecer a contribuição histórica e cultural da África para a formação da sociedade global atual. Através do reconhecimento e valorização da diversidade africana, podemos promover a igualdade e combater o preconceito e a discriminação. É essencial ensinar a história e os legados africanos para construir uma sociedade mais inclusiva e justa. Ao aprender a rica história e cultura africana, o aluno amplia sua visão de mundo e participa ativamente no fortalecimento de laços de solidariedade entre os povos. Dessa forma, podemos construir um futuro mais harmonioso e respeitoso com as diferenças.

O INSTITUTO DE ARTE E CULTURA YORUBA (BELO HORIZONTE/MINAS GERAIS) E O MEMORIAL DO ILÊ AXÉ OYÁ BAGAN (BRASÍLIA/DISTRITO FEDERAL)

O Instituto de Arte e Cultura Yorùbá (Belo Horizonte)

O Instituto de Arte e Cultura Yorùbá (Belo Horizonte) se tornou um centro focal de onde partiam raios espalhadores da arte e cultura yorùbá para a cidade de Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais nos anos 2000-2020. Olusegun Michael Akinruli, seu idealizador e presidente, veio ao Brasil no intuito de completar seus estudos, à procura de uma vida melhor. Com um grupo de conhecidos e amigos brasileiros, ele criou um centro que mais tarde foi institucionalizado para poder impactar melhor nas decisões políticas e socioculturais da cidade mineira.

Uma das impressões e choque cultural que eu tive ao chegar a Belo Horizonte em 2011 foi que a cidade me pareceu altamente branca e que os elementos africanos ou afrodiáspóricos eram menosprezados, ignorados ou desconhecidos. Isso podia ser observado nas diferentes perguntas que eu recebia

na faculdade o uma rua de pessoas que nunca tinham encontrado ou conhecido um africano. O Instituto de Arte e Cultura Yorùbá, doravante, IACY, passou a suprir um vazio muito importante com suas atuações e programações. De professor de língua e cultura yorùbá, eu passei a trabalhar como auxiliar administrativo e por último como mediador linguístico-cultural dentro da instituição. Da sua parceria com a Secretaria de Estado de Educação nasceram vários projetos como “Escola Viva - Comunidade Viva”, e “Educar com Arte Africana”.

Os projetos eram desenvolvidos em oficinas ministradas por artistas africanos que participavam de residência artística no Brasil. Cada oficina possuía um aspecto teórico e prático na qual a comunicação do artista com alunos era facilitada por um mediador linguístico-cultural. Em 2012, a ampliação dos espaços do IACY possibilitou a criação da primeira galeria de arte africana na cidade, a Òwiwí galeria de arte Afrikana. Assim, a galeria era um ponto de contato dos alunos com a cultura africana mediante a arte. No final, cada escola produzia suas telas que fariam parte da exposição geral dos quadros dos alunos participantes do projeto.

Um dos aspectos interessantes do projeto era que a equipe do IACY podia se deslocar até as escolas para as oficinas. Isso permitia que os palestrantes se familiarizassem com o ambiente de sala de aula, e que conhecessem um pouco das realidades das escolas mineiras. Ao longo desses anos de parceria e pelo tempo que eu trabalhei e acompanhei as atividades, três artistas nigerianos, que tive o prazer e a honra de conhecer, fizeram suas residências artísticas no IACY. Uma deles, Folosade Ogunlade, graduou-se nas artes plásticas e artes aplicadas em Ladoke Akintola University of Technology na Nigéria. Além de sua participação em várias exposições e festivais em cidades africanas como Yaoundé (Camarões), Lomé (Togo), Abuja e Lagos (Nigéria), a jovem artista trabalhou com famosos artistas entre os quais o aquarelista Sam Ovraili. Em uma das oficinas em que trabalhamos juntos, ela usou figuras de Adinkra nas suas pinturas. Geralmente, os artistas contextualizam seus trabalhos ou a oficina que vão ministrar, mostram aos alunos a simplicidade ou facilidade na realização de suas obras e por último lhes convidam a fazer suas próprias produções. Tudo acontecia num ambiente relaxado, de brincadeiras em que os jovens se

expressavam livremente sem esperar nenhuma nota de aprovação ou reprovação. Eram muito mais que oficinas de arte, pois havia contação de histórias ou cantos que envolviam uma determinada temática. Os artistas compartilhavam com boa vontade e paixão não somente suas experiências e habilidades artísticas, mais também suas cargas culturais e vice-versa com os alunos ou outros artistas brasileiros que conheceram durante suas estadas no Brasil.

O IACY emergiu como um polo de reconfiguração identitária e resistência cultural afrocentrada em um espaço urbano marcado pela invisibilização da presença negra e africana. Ao institucionalizar suas ações e consolidar parcerias com a Secretaria de Estado de Educação, ele passou a ocupar uma posição estratégica de mediação cultural, de valorização da diversidade étnico-racial. Além de ter sido um centro de ensino da língua e cultura yorùbá, ele se tornou um lugar de memória, de circulação de saberes da diáspora africana, e de construção de pontes interculturais entre artistas africanos e comunidades escolares brasileiras. A presença desses artistas em programas de residência artística amplia os horizontes da educação tradicional, ao integrar a arte africana em processos pedagógicos que valorizam o fazer artístico como experiência estética e política. As oficinas, caracterizadas por um ambiente lúdico e participativo, subvertem a lógica escolar meritocrática, privilegiando a expressão livre, a oralidade, e a transmissão de conhecimentos não hegemônicos. Por fim, o papel do mediador linguístico-cultural ganha destaque como categoria que articula não apenas a tradução (não) literal entre idiomas, mas, sobretudo a tradução simbólica de universos culturais distintos.

Seguem algumas fotos retiradas do Facebook do IACY com a autorização das autoridades gestoras para ilustrar o belíssimo trabalho realizado com algumas escolas de Minas Gerais.

Imagem 1 – Oficina de arte do IACY em escola⁴

⁴ Disponível em < <https://www.facebook.com/InstitutoNigeriaBrazil> > acesso em 15 de julho de 2025



Fonte: Acervo do IACY – Facebook (2014)

Imagem 2 - Oficina de contação de histórias na galeria Òwiwí



Fonte: Acervo do IACY – Facebook (2014)

O Ilê Axé Oya Bagan (Brasília): recebendo a cidade no Ilê

Situado no Núcleo Rural Córrego do Tamanduá, no Distrito Federal, o Ilê Axé Oya Bagan, sob a liderança da Mãe Baiana de Oyá, vem se dedicando ao resgate e manifestação da ancestralidade no culto dos orixás do Candomblé Ketu. Além de suas cerimônias religiosas, o terreiro oferece eventos culturais que

homenageiam as tradições afro-brasileiras através de atividades abertas ao público como oficinas de dança e percussão.

Em 2015, o Ilê sofreu um incêndio que resultou na sua reforma e transformação no Memorial Ilê Axé Oyá Bagan. Quatro espaços que contam uma boa parte da história do local, da sua matriarca e de seus filhos, de seus orixás, integram o memorial. São eles: o espaço mitologia dos Orixás, o espaço legado de Oyá Bagan, o espaço orixás e seus símbolos, e o jardim das máscaras. Assim,

no caso do Memorial Ilê Axé Oyá Bagan, existe a interface entre a iniciativa comunitária que expressa ações para além da comunidade afro-religiosa e a articulação da comunidade com as políticas públicas, visto que o projeto integrou o Circuito Candango de Culturas Populares, realizado pelo terreiro em parceria com o Instituto Rosa dos Ventos, com fomento da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. Todavia, é importante perceber uma diferença na motivação de sua criação. Ele surge como resposta aos diferentes atos de racismo religioso, com o intuito de difundir uma informação étnico-racial (Oliveira; Aquino, 2012) e antirracista e, portanto, pode ser visualizado como uma “barricada” em busca por liberdades (Brulon, 2021) (BRITTO, 2024, p.9)

A minha presença no Ilê Axé Oyá Bagan em 2024 e agora em 2025, me permitiu entender a dinâmica entre os diferentes espaços do memorial e a sua importância no combate contra o racismo religioso, sensibilizando a população para relações étnico-raciais mais humanas e sanas. Assim, o espaço mitologia dos Orixás é um mural em homenagem ao panteão das divindades yorubá cultuados no Brasil. No caderno⁵ apresentando o memorial, os Orixás e suas características são enumerados da seguinte maneira:

- Oxaguian: qualidade de Oxalá jovem e guerreiro
- Ibeji: Orixá dos gêmeos
- Ewa: Orixá feminino do Rio Yewá
- Iemanjá: Orixá do mar e mãe de todas as cabeças
- Obá: Orixá feminino do Rio Obá, uma das esposas de Xangô.
- Logunedé: Orixá jovem da caça e da pesca
- Oxalufan: qualidade de Oxalá velho e sábio
- Ossaim: Orixá das folhas que conhece o segredo de todas elas.

⁵ O caderno é uma edição bilíngue de mais ou menos vinte páginas que foi montado junto com a Associação Brasileira de Deficientes Visuais (ABDV) e está tanto no português como em braille. A grafia dos Orixás foi mantida tal qual aparece no caderno.

- Omulu: Orixá da cura
- Nanã: Orixá da sabedoria
- Oxumaré: Orixá da chuva e do arco-íris
- Oxóssi: Orixá da caça e da fartura
- Oxum: Orixá da fertilidade e dos rios
- Ogum: Orixá do ferro, da guerra, do fogo, e da tecnologia
- Iansã: Orixá dos ventos, dos raios e da tempestade
- Xangô: Orixá do fogo e do trovão, protetor da justiça

Imagem 3 - Espaço mitologia dos Orixás do Memorial Ilê Axé Oyá Bagan



Fonte: Acervo do autor (2024)

No espaço legado de Oyá Bagan, encontramos uma exposição fotográfica dedicada à memória do terreiro, registrando visualmente a história da casa com seus membros. A casa, formalmente constituída em 2003, se considera Ketu, da genealogia da família Bangbosé Obitikó. Mãe Baiana de Oyá é filha da saudosa Mãe Moema de Omulu, neta de Mãe Regina de Bangbosé, e hoje filha do Bábáláwo Wanderlei Iká Fun.

Este espaço pode ser dividido em três grandes momentos imortalizados. O primeiro registra a fotografia da família de santo com alguns membros da casa e seus cargos. As fotos do espaço mostram a estrutura dos cargos da Mãe Baiana de Oyá, a Yá Kekerê que é de Oxum, três Ekedí de Iemanjá, e um ogã de Xangô. O segundo momento é uma foto da Iyalorixá no meio das ruínas do incêndio que

em 2015 destruiu uma boa parte do terreiro. O último momento expõe as entidades protetoras da casa “capturadas” na sua manifestação durante as festas que lhes foram consagradas. São elas: Maria Padilha, Dona Sete Encruzilhadas, Caboclo Sete Flechas e Boiadeiro Sete Porteiras.

Imagem 4 - Espaço legado de Oyá Bagan do Memorial Ilê Axé Oyá Bagan



Fonte: Acervo do autor (2024)

No espaço Orixás e seus símbolos, a área destina-se à exposição cenográfica dos Orixás da casa. Cada um tem seu sistema simbólico articular, composto de cores, comidas, cantigas, rezas, ambientes, saudações e espaços físicos. São expostas as ferramentas dos cinco Orixás regentes da casa. De um lado, as três yabás, Iemanjá, Iansã e Oxum. Do outro lado, seus respectivos aparatos. Iansã tem o eruexim⁶ com o qual ela move os ventos. Ela carrega também uma espada e um xifre de búfalo. O xére é um instrumento tocado no salão para chamar Xangô, que leva consigo um machado de duas lâminas, o Oxé. Oxossi é conhecido como o caçador de uma única flecha, que unida ao seu arco representa o Ofá. A espada de ferro está sempre presente na mão de Ogum, conhecido pelas lutas e conquistas. Oxum carrega no seu abebê, um espelho que, além de refletir sua beleza, é usado como arma de guerra.

Imagem 5- Espaço Orixás e seus símbolos do Memorial Ilê Axé Oyá Bagan

⁶ Palavra de origem yorubá que significa rabo de cavalo. Trata-se de um instrumento sagrado que, no Brasil, é associado à orixá Iansã. Mas, na Nigéria e no Benim, ele é muito mais usado por autoridades religiosas do Ifá ou de outros segmentos ou por reis.



Fonte: Acervo do autor (2024)

No espaço Jardim das Máscaras, a seção apresenta máscaras africanas tradicionais. Por meio de suas formas, movimentos e materiais, elas representam forças sobrenaturais relativas a ritos agrários, funerários ou de iniciação, rememorando mitos e outras tradições. Muitas vezes, não tem aparência humana, o que possibilita evidenciar a manifestação de um ser metafísico no mundo humano.

Imagem 6 - Jardim das Máscaras



Fonte: Acervo do autor (2024)

No início, o Ilê Axé Oyá Bagan era apenas um barracão e a casa de madeira da entidade Dona Sete. Porém, após o incêndio, ressurgiu das cinzas, estruturado e reconhecido pelo prêmio do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) como Ponto de Cultura e Memorial, parte integrante e indispensável da memória social brasileira. A comunidade tradicional do terreiro tem organizado vários projetos destinados a toda a população. O mais recente é o Sabedoria de Terreiro que teve início em 2022, com uma série de oficinas de dança e percussão, ampliou sua grade e ofereceu, além de formações em costura e culinária com feitura de acarajé, de comidas de terreiro, com sessões de cinema, de dança e percussão.

Em sua segunda edição, o projeto lançou um mini documentário compartilhando os saberes e fazeres de terreiro do Distrito Federal. Em 2023, abriu as portas das faculdades do Axé para a comunidade candanga e dividiu conhecimentos ancestrais sobre culturas de matriz africana. A costura, a culinária, a música e a dança fizeram parte dessa universidade da vida.

um currículo Pretagógico: "[...] deve enraizar-se, [...] a partir

de sua "fala-ação" que canta, batuca, dança reage, corre, joga capoeira, aprende sobre a diversidade da mãe África e sobre quem são os negros da diáspora, entre outros movimentos. Um currículo assim pensado deve partilhar o saber-fazer pedagógico entre os que fazem parte da coletividade, rompendo com a lógica ocidental da hierarquia, da verticalização [...] fazendo emergir nos espaços de formação o diálogo sobre sacralidade e não apenas sobre religião" (PETIT, 2015, p.145)

O currículo pretagógico é o que tem implementado a maioria dos terreiros que abrem suas portas para a comunidade. Essa abordagem pedagógica busca integrar conhecimentos tradicionais e acadêmicos, promovendo uma educação mais inclusiva e diversificada. Além disso, o currículo pretagógico valoriza a cultura afro-brasileira e incentiva a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem. Dessa forma, os estudantes são estimulados a se reconhecerem como sujeitos ativos na construção do conhecimento, fortalecendo sua identidade cultural e social. A valorização da ancestralidade e das tradições locais também contribui para uma educação mais contextualizada e significativa. Por meio do currículo pretagógico, os alunos são incentivados a desenvolver um olhar crítico sobre a realidade em que estão inseridos, promovendo assim uma formação mais cidadã e consciente. Essa abordagem pedagógica também busca combater o racismo e outras formas de discriminação, promovendo a igualdade e o respeito à diversidade.

Imagem 7 - Projeto Sabedoria de Terreiro edição 2023 do Ilê Axé Oyá Bagan



Fonte: Acervo do Ilê Axé Oyá Bagan - Instagram (2023)

Imagem 8 - Estudantes da Rede Pública do DF no memorial do Ilê Axé Oyá Bagan



Fonte: Acervo do Ilê Axé Oyá Bagan - Instagram (2024)

Como podemos ver nessa última imagem, o memorial tem recebido alunos das diferentes escolas de Brasília, proporcionando a esses jovens conhecimentos que, às vezes, não constam na grade curricular deles. Os alunos são sensibilizados através de mitos, cantos, comida das divindades a terem um olhar diferente para com a natureza e os seres humanos que a compõem. É nesse sentido que Petit afirma que:

Além das práticas corporais e artísticas, a Pretagogia incentiva a relação comunidade-escola, chamando mestres e mestras da cultura para dentro dos recintos educacionais, bem como a saída para locais-recursos, ou seja, espaços que aproximem da compreensão da cosmovisão africana, desde áreas naturais, ao ar livre, até sedes de entidades de praticantes das culturas tradicionais (vistos como pessoas-recursos) (PETIT, 2015, p.125)

Na minha graduação, tive uma disciplina de saberes tradicionais que me permitiu ter meus primeiros contatos com a umbanda na universidade. Com efeito, a minha turma recebeu um pai de santo da religião que levou atabaques para ensinar-nos noções que não sabíamos. Tais disciplinas levam elementos dos terreiros ou de centros espíritas para a escola, para a universidade onde são vistos de forma diferente. Assim, quando a gente pisa em um terreiro ou tem a oportunidade de encontrar um pai ou mãe de santo, a gente chega a entender que o preconceito é alimentado pela ignorância, pela falta de experiência. Nesse

sentido, a mãe Carmem do Gantois dizia, com razão, que:

"O terreiro é uma casa acolhedora de irmãos.
Onde aqui a gente perde os títulos lá fora.
São todos aqui meu pai, minha mãe, meu irmão.
É uma família unida.
Essa casa, esse terreiro como queira nominar,
É um grande útero, onde cabe todos os seus filhos
E todos encontram aconchego, respeito, carinho.
E quando necessário o apoio".⁷

De acordo com o pesquisador Muniz Sodré (2002), é na historiografia dos terreiros no Brasil mais precisamente na Bahia que encontramos a expressão e a preservação dos ritos, das línguas dos grupos africanos que foram escravizados "[...] por meio do sagrado, os negros refaziam em terra brasileira uma realidade fragmentada. O terreiro implicava a auto fundação de um grupo em diáspora" (SODRÉ, 2002, p. 75). Sendo assim, os quilombos e os terreiros eram o espaço onde os negros se reconstruíam enquanto famílias com a figura de pai e mãe de terreiro lugar de luta e resistência ao longo do tempo. Ainda consoante Sodré (2002, p. 68), "nas comunidades quilombolas, o saber mítico que constituía o ethos da africanidade no Brasil adquiria contornos claramente políticos diante das pressões de todo tipo exercidas contra a comunidade negra". Assim, os espaços que aqui se "refaziam" tinham motivações ao mesmo tempo míticas e políticas.

Considerações finais

O estudo dos dois casos mencionados no texto mostra como a pretagogia pode ser usada na educação de relações étnico-raciais para alunos brasileiros em dois contextos diferentes. No primeiro lugar, no IACY a preocupação foi mais contribuir na formação de jovens cidadãos a partir da arte e com artistas nigerianos em residência artística no Brasil. O IACY se tornou um espaço onde as relações étnico-raciais eram discutidas, negociadas e protagonizadas pelos visitantes e o pessoal. Sem necessariamente tocar em assuntos religiosos, o IACY procurou colocar os conhecimentos e as experiências dos artistas à

⁷ Disponível em : < https://www.youtube.com/watch?v=IA_QXYpLNAs > acesso em 20 de junho de 2025

disposição dos alunos.

Já no memorial do Ilê Axé Oyá Bagan a interlocução com os alunos, com a cidade visa informar, ensinar saberes ancestrais no intuito de combater o preconceito, o racismo religioso. Os conhecimentos são transmitidos da Iyalorixá para os alunos, com possibilidade de questionamento por parte dos mesmos, o que de certa maneira rompe com a dinâmica que por muito tempo prevaleceu ou que ainda prevalece em terreiros tradicionais.

Por fim, ambos os casos mostram que a pretagogia pode ser usada de diferentes maneiras, alcançando resultados similares.

Referências bibliográficas

BÂ, Amadou Hampaté. La tradition orale africaine (documentaire). Éclair Brut, 1969. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t1i3rweFa48&t=1849s>. Acesso em 14 jul. 2025

BÂ, Amadou Hampaté. La parole, mémoire Vivante de l'Afrique. In: L'Afrique et son histoire. Revue de l'UNESCO, 1979. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000074777_fre

BÁ, Amadou Hampaté. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). História geral da África. Vol I: Metodologia e pré-história da África. São Paulo: UNESCO/Ática, 2010.

BRITTO, Clovis Carvalho. Memorial Ilê Axé Oyá Bagan: Informação étnico-racial e processo museológico comunitário no enfrentamento do racismo religioso no Distrito Federal. *Inclusão Social*, [S. l.], v. 16, n. 2, 2024.

DOI: [10.18225/inc.soc.v16i2.6341](https://doi.org/10.18225/inc.soc.v16i2.6341). Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/6341>. Acesso em: 15 jul. 2025.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Tempo Brasileiro. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan. /jun.). 1988b, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

IACY. Oficina de arte do IACY em escola. Facebook, Belo Horizonte, 2014. Disponível em < <https://www.facebook.com/InstitutoNigeriaBrazil> > acesso em

15 de julho de 2025

IACY. Oficina de contação de histórias na galeria Òwiwí do IACY. Facebook, Belo Horizonte, 2014. Disponível em

<https://www.facebook.com/InstitutoNigeriaBrazil>. Acesso em 15 jul. 2025

IDRISSOU, Alex Kévin Ouessou. *Oríkì Yorùbá: uma arte verbal africana na América Latina – expressões brasileiras*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Literatura Comparada, UNILA, Paraná, 2020.

ILÊAXEOYABAGAN. Projeto Sabedoria de Terreiro edição 2023 do Ilê Axé Oyá Bagan. Instagram, Brasília, 2023. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/Cp4_LkgsV3y/ Acesso em 15 jul. 2025

ILÊAXEOYABAGAN. Estudantes da Rede Pública do DF no memorial do Ilê Axé Oyá Bagan. Instagram, Brasília, 2024. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/DCKIz6xpFTy/?img_index=1. Acesso em 15 jul. 2025

PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores – Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº10.639/03*. 1ª Edição. Fortaleza: EDUECE, 2015

SODRÉ, Muniz: *O Terreiro e a Cidade: a Forma Social Negra Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Salvador-BA; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.